

02/08/2019

Violência social e fé religiosa (Parte I)

Fabrizio Fävasch Rodriguez

[Ativista Social e Sindical. Observatório do trabalho latino-americano]

Dentre as diversas cidades que conheci na América Latina, em que permaneci (e mesmo morei) por um tempo razoável capaz de entrar na rotina de seus hábitos e habitantes, Medellín é a que me intriga. Talvez porque tendo o universo do trabalho como meu tema de militância e pesquisa, eu não consiga entender o que foi o Império de Pablo Escobar em matéria de relações de trabalho, na era do pré-neo liberalismo.

Em 1993, quando ele foi morto, eu sequer ainda conhecia Medellín e estava morando no Brasil. Mas eu já estudava os movimentos sociais, inclusive alguns deles remanescentes das lutas guerrilheiras latinoamericanas. Mas, ao tratar de um tema tão complexo quanto a violência e a fé religiosa, precisei voltar a Medellín e a Escobar. Consta, entre suas ações “filantrópicas”, a doação de dinheiro para a construção de igrejas. Minha curiosidade era saber como se dava a relação de Escobar com a Igreja e, principalmente, com padres.

Não consegui saber, pelo menos não até agora.

Também, o comportamento da máfia italiana em vasta literatura e cinematografia já bem demonstrou essa relação entre o crime organizado e a fé. Muitos mafiosos devotos, inclusive, foram fervorosos propagadores do modelo de família cristã. Quando recebi a notícia de amigos sobre os “traficantes de Jesus”, Escobar e outros mafiosos me voltaram à lembrança. Não entram na minha cesta de conjecturas as guerras religiosas que atravessaram a humanidade, tampouco o uso da violência para a imposição da fé, tendo como emblemático o período da Inquisição. Com meus botões fiquei exercitando cenários futuros sobre uma possível aliança entre a violência organizada que hoje estrutura a sociedade e determina o cotidiano de muitos países, caso do Brasil, e a religião. Mais precisamente, não a religião em si, mas a fé religiosa, ostensiva e discriminatória, propostas por algumas seitas e vertentes. O caso do Islam, em que algumas correntes têm como dogma o monopólio da violência do Estado associada à conversão da sociedade à seita, é bem conhecido, especialmente no caso do Estado Islâmico. Escobar novamente me vem à cabeça. É conhecida sua frase com os inimigos (não convertidos): *¿Plata o Plomo?* Ou seja: Dinheiro ou Chumbo? Para os funcionários públicos de Medellín, essa era a sentença de morte, caso não se corrompessem. Para o Estado Islâmico, a pergunta era idêntica: Fé ou morte? Não é o caso do Estado brasileiro (ainda), mesmo porque o Islam é apenas residual no país. Mas, o cristianismo, hegemônico no Brasil e com grande variação de interpretações da fé, parece não estar imune a essa associação - violência e fé -. O futuro dirá.

Quando num Estado laico se diz que Deus está acima de todos como marca de governo, presume-se que abaixo de Deus, e em nome dele, tudo pode acontecer. O futuro dirá.

No caso que me chamou a atenção, o dos “traficantes de Jesus”, a relação entre grupos tradicionalmente estruturados na violência social, caso do tráfico, e a fé religiosa mostra uma face ainda pouco conhecida desse fenômeno recente e crescente no Brasil.

A ausência do Estado, na maioria das cidades brasileiras, em territórios vulneráveis social e economicamente, desprovidos de equipamentos públicos de construção da cidadania, bem sendo “compensada” há algumas décadas por três dispositivos “assistenciais” para suprir a ausência do Estado: as igrejas e seitas pentecostais; a banditagem, principalmente ligada ao tráfico; e, mais recentemente, a milícia. Não é por mera hipótese pensar que essas três instâncias de ocupação de espaços sem Estado precisarão se associar, de alguma forma, para sobreviverem. O futuro dirá.

Segundo o IBGE (2010) as igrejas evangélicas cresceram exponencialmente nas quatro últimas décadas. Católicos caíram de 91,8% para 64,6% da população brasileira. Evangélicos saltaram de 5,2% da população para 22,2%, puxados pelo segmento pentecostal.* Projeções do Datafolha apontam que em 2028 os evangélicos superarão os católicos.** O aumento da desigualdade social e econômica e consequente aumento dos territórios de exclusão da cidadania levam a crer que essa virada possa ocorrer bem antes. E são exatamente as igrejas e seitas derivadas do pentecostalismo que ocupam os territórios vulneráveis. E também são elas que vêm, em parte, sustentando a manutenção dos índices de popularidade do atual governo brasileiro.*** Igrejas evangélicas mais tradicionais (batista, presbiteriana e outras) são mais elitizadas e sua doutrina é professada por setores de renda média e alta. Essas igrejas normalmente não se vinculam a territórios de exclusão e vulnerabilidade. O discurso liberal-econômico e conservador-religioso, aliado à cultura armamentista da população (“*todo cidadão de bem tem direito a portar uma arma de fogo*”), do atual governo brasileiro, não tem (ainda) explicitada uma interpretação da fé nos territórios de exclusão. Não se tem qualquer ideia do que pode redundar disso. O futuro dirá. Algumas perguntas:

- O que são, afinal os “traficantes de Jesus”?
 - Nos territórios de exclusão como se dão as relações de convívio dos três segmentos - seitas/tráfico/milícia -?
 - O que o pentecostalismo nos sermões de apoio ao atual governo prega no tocante à violência e uso de armas?
- Trataremos disso adiante. ■■■

Fontes:

* <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>

** <https://pt.aleteia.org/2017/08/07/diminuicao-progressiva-de-catolicos-no-brasil-ate-que-ponto/>

*** <https://www.youtube.com/watch?v=pDktdkNC-ww>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.